

ESCRITAS DE SI E REPRESENTAÇÕES DE IMIGRANTES POLONESES SOBRE SANTA CATARINA EM CARTAS ENVIADAS À POLÔNIA (1890/1891)

■ MÉRI FROTSCHER

<https://orcid.org/0000-0003-0172-4126>

Universidade Estadual do Oeste do Paraná

■ GEOVANA CAROLINA DE LIMA

<https://orcid.org/0000-0002-2194-9448>

Universidade Estadual do Oeste do Paraná

RESUMO

O artigo objetiva discutir como poloneses recém-chegados ao Brasil, entre 1890 e 1891, socializam aos destinatários que permaneceram no território polonês suas experiências nas localidades do estado de Santa Catarina onde se instalaram e como representaram o novo ambiente, as populações ali existentes e as relações com elas. Busca-se conectar a análise da “escrita de si”, desenvolvida por meio de cartas, à relação de alteridade estabelecida entre o narrador e ao objeto de sua narração. A análise se concentra em 12 cartas enviadas do estado de Santa Catarina, que compõem um conjunto maior de 60 cartas enviadas do Brasil, disponível em português no volume 8 dos *Anais da comunidade brasileiro-polonesa* (1977). Tais narrativas demonstram sujeitos marcados pela experiência do deslocamento e da colonização em Santa Catarina e mobilizados pelas dificuldades impostas pelas novas condições de vida, trabalho e sociabilidades.

Palavras-chave: Cartas. Escrita de si. Poloneses. Imigração. Alteridade.

ABSTRACT

SELF WRITING AND REPRESENTATIONS OF POLISH IMMIGRANTS ABOUT SANTA CATARINA IN LETTERS SENT TO POLAND (1890/1891)

The article aims to discuss how newly arrived Poles in Brazil, between 1890 and 1891, socialized with addressees who remained in Polish territory, their experiences in the places in the state Santa Catarina, where they settled and how they represented the new environment, the populations there and the relationships with them. It seeks to connect the analysis of the “self writings “ developed through these

letters, to the relationship of Otherness established between the narrator and the object of his narration. The analysis focuses on twelve letters sent from the state of Santa Catarina, which compose a larger set of sixty letters sent from Brazil, available in Portuguese in the volume 8 of *Anais da comunidade brasileiro-polonesa* (1977). Such narratives demonstrate how authors were marked by the experience of displacement and colonization in Santa Catarina and touched by the difficulties imposed by the new conditions of life, work and sociability. **Keywords:** Letters. Self writing. Poles. Immigration. Alterity.

RESUMEN

ESCRITURAS DE SI Y REPRESENTACIONES DE IMMIGRANTES POLACOS SOBRE SANTA CATARINA EN CARTAS ENVIADAS A POLONIA (1890/1891)

El artículo tiene como objetivo discutir cómo los polacos recién llegados a Brasil, entre 1890 y 1891, socializan a los destinatarios en el lugar de origen, sus experiencias en las localidades del estado de Santa Catarina donde se asentaron y cómo representan el nuevo entorno, las poblaciones allí existentes y las relaciones con ellas. Se busca conectar el análisis de la “escritura de sí” desarrollada a través de cartas, con la relación de alteridad que se establece entre el narrador y el objeto de su narración. El análisis se centra en doce cartas enviadas desde el estado de Santa Catarina, que componen un conjunto mayor de sesenta cartas enviadas de Brasil, disponibles en portugués en el volumen 8 de los Anales *Anais da comunidade brasileiro-polonesa* (1977). Tales narrativas muestran sujetos marcados por la experiencia del desplazamiento y la *colonización* en Santa Catarina, movilizados por las dificultades impuestas por las nuevas condiciones de vida, trabajo y sociabilidad.

Palabras clave: Cartas. Escrituras de sí. Polacos. Inmigración. Alteridad.

Introdução

Baseado em cartas escritas entre 1890 e 1891 por imigrantes poloneses no Brasil e enviadas para parentes e conhecidos na parte do território polonês sob o domínio russo, este artigo objetiva discutir como os remetentes compõem tais narrativas autobiográficas e, também, que percepções socializam a respeito das localidades onde se instalaram, ou seja, como representaram o novo ambiente, as populações ali existentes e as relações com

elas.¹ Busca-se, assim, explorar fontes escritas pelos próprios e/imigrantes, visto que elas os “colocam como protagonistas da história” (DE-

1 Este texto é um resultado do projeto de pesquisa “Um estudo sobre cartas e diários de e/imigrantes: conexões entre o local e o global” financiado pelo CNPq (Chamada CNPq 06/2019 – Bolsa de Produtividade em Pesquisa), e do subprojeto de iniciação científica “Um estudo sobre cartas de poloneses enviadas do Sul do Brasil para a Polônia (1890-1891), financiado pela SETI/Fundação Araucária e desenvolvido na Universidade Estadual do Oeste do Paraná.

MARTINI, 2018, p. 49-50). No caso das cartas de e/imigrantes, como apontou Verônica Blas, elas não são apenas documentos que falam da emigração, mas também são produto e consequência direta da emigração (2004, p. 123).

Tais cartas são vestígios importantes sobre as cadeias, redes e estratégias migratórias, perspectiva renovada no campo dos estudos migratórios que apontou para os limites e os déficits dos estudos migratórios focados nos *push and pull factors*, fatores de expulsão e atração (BERNECKER, 2009, p. 36). Novos estudos têm mostrado como movimentos de migração entre duas diferentes localidades/regiões ocorrem quando relações pessoais e fluxos de informação existem entre os já emigrados e aqueles que podem se tornar emigrantes, ou seja, quando há redes sociais envolvidas. Como aponta a historiadora Maíra Vendrame (2018, p. 267-288), “conexões entre os locais de origem e os de chegada” são um dos aspectos a ser aprofundados em estudos sobre a imigração no Brasil e, nesse sentido, são frutíferas as cartas de imigrantes. Por meio delas, eles buscavam conectar locais e traduzir ao(s) destinatário(s) aquilo que viviam, observavam, percebiam, sentiam e planejavam.

Neste artigo, buscamos conectar a análise da “escrita de si” desenvolvida por meio de cartas de imigrantes articulada à “relação de alteridade existente entre o narrador e o objeto de sua narração”, algo comum em relatos de viagem, como aponta Tzvetan Todorov (2006, p. 241), mas que, no gênero de escrita epistolar de e/imigrantes também é presente. As “escritas de si” são compreendidas aqui enquanto narrativas autorreferenciais nas quais aquele que escreve é “personagem de si mesmo”. No caso da escrita epistolar, ela é produzida tendo, “*a priori*, um destinatário”, pois se trata de uma prática relacional, um espaço de sociabilidade (GOMES, 2004, p. 17, 19). É, portanto, considerando essa relação intersubjetiva que

pretendemos analisar as representações contidas nas cartas.

A análise irá se concentrar em 12 cartas enviadas do estado de Santa Catarina, que integram um conjunto maior, de sessenta cartas, enviadas dos estados do Rio Grande do Sul, Paraná, Santa Catarina e São Paulo, disponível em português no volume VIII dos *Anais da comunidade brasileiro-polonesa*.² Essas cartas, enviadas do Brasil, por sua vez, constituem uma parte bem pequena do conjunto de cartas enviadas por emigrantes para seus lugares de origem na Polônia e que foram preservadas. O enfoque nas cartas enviadas de Santa Catarina se deve à constatação de que a imigração polonesa nesse estado foi bem menos estudada do que a imigração polonesa no Paraná e no Rio Grande do Sul, onde sua presença foi numericamente superior.³ Também porque as cartas evidenciam ambientes de inserção muito mais multiculturais e tensionados em termos étnico-raciais, do que comumente a memória pública sobre essas localidades catarinenses apresenta.

Emigração e vinda para o Brasil

Segundo o historiador Ruy Wachowicz, no final do século XIX, houve uma emigração de poloneses em massa para o Brasil, que ficou conhecida como “febre brasileira” que apenas no ano de 1890 atingiu 29.226 indivíduos, principalmente camponeses e aldeões (WACHOWICZ, 1981, p. 42). Muitos fatores colaboraram

2 As cartas foram traduzidas pelo professor Francisco Dranka e publicadas por iniciativa do historiador Ruy C. Wachowicz em 1977 (KULA; WACHOWICZ, 1977). Estão disponíveis na internet em: <https://www.ufrgs.br/biblioestudosetnicos/wp-content/uploads/2015/08/Anais-da-Comunidade-Brasileiro-Polonesa-Vol-VIII.pdf>.

3 O que constata, por exemplo, o levantamento bibliográfico efetuado pela equipe da professora Dr.^a Regina Weber, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), disponível no repositório “Estudos sobre grupos étnicos no Sul do Brasil: guia bibliográfico”: <https://www.ufrgs.br/biblioestudosetnicos/>. Acesso em: 1º jul. 2022.

para que esse processo tenha chegado a essas proporções. Segundo o mesmo autor, a Polônia passava por uma crise no setor agrário, com a inserção de novos mercados americanos competidores comerciais na produção de cereais, bem como o intenso processo de minifundização. O setor industrial, que caminhava a passos lentos, não era capaz de absorver o excedente populacional oriundo do campo. Paralelamente a isso, as agências de linhas de navegação realizavam intensa propaganda sobre um Brasil caricaturado como um paraíso idílico de fertilidade e prosperidade, ressaltando a gratuidade da passagem e difundindo boatos sobre concessão de terras públicas. Parte da população foi influenciada por esse imaginário positivo do Brasil e motivos de ordem pessoal e familiar.

Na outra ponta, no Brasil, onde se havia recentemente abolido a escravidão, incentivava-se a introdução de mão de obra livre e branca. Segundo Ruy Wachowicz, além do intento de “branquear” a população, via-se como necessário incentivar outras formas de cultivo baseadas na policultura para a manutenção alimentícia do país e fortalecer as fronteiras, colonizando os territórios dos estados meridionais (WACHOWICZ, 1981, p. 128). Conforme o historiador Rhuon Zaleski Trindade (2020, p. 44), as colônias agrícolas formadas por imigrantes poloneses no Brasil faziam parte de um “projeto civilizatório”: “este se balizou na ocupação territorial, interiorização, expansão do setor agrícola, criação de um ‘campesinato europeu’, de urbanização, branqueamento e consolidação das fronteiras nacionais, numa espécie de ‘colonialismo interno’ nacional.”

A decisão de emigrar não era fácil, o governo russo possuía normas rígidas, cabendo a cada indivíduo que decidisse emigrar a obrigação de solicitar a autorização junto às autoridades competentes (MAZUREK, 2016, p. 48). Muitos optavam por atravessar a fronteira

ilegalmente, viajavam de trem até Berlim e de lá se dirigiam aos portos de Hamburgo ou Bremen (KULA, 1977, p. 10). Tudo isso era atrelado ao medo de serem presos pelas autoridades russas ou prussianas, de serem enganados pelos agentes, de pegarem o trem errado, de correrem riscos de serem furtados no meio do caminho. Muitos viajavam com pouco dinheiro, muitas vezes com famílias grandes com crianças pequenas, passavam pela angústia de deixar seus lares, parentes e conhecidos para trás, de saber da quantidade de dias que teriam de ser superados dentro dos navios, de enfrentar uma jornada pelo desconhecido. Chegando ao entreposto da Ilha das Flores, no Rio de Janeiro, os emigrantes deviam passar por uma quarentena de duas semanas, quando decidiam para qual localidade do Brasil iriam se dirigir. Feita a inscrição, assim que possível, iniciava-se uma nova viagem rumo ao lugar escolhido.

Durante o período imperial, a imigração polonesa foi diminuta, formada principalmente por pequenos grupos isolados atrelados à imigração prussiana e ocorria às expensas do próprio imigrante. Posteriormente, o governo brasileiro promoveu a concessão de terras para projetos de colonização, concedeu facilidades para o pagamento das terras, da viagem e da alimentação. Em março de 1890, fora publicada nova lei de imigração, justificada pela necessidade de afluência de trabalhadores estrangeiros, e que regulamentava as condições imigratórias. O padre e jornalista Zygmunt Chelmicki, que visitara muitas das áreas com poloneses recém-chegados no Brasil, em 1891, sintetiza em seu relato o conteúdo da lei. Ela exigia que o imigrante fosse sadio, apto para o trabalho e não atingido por sentença penal e estabelecia que tinham direito a transporte gratuito ou a abatimento: “a) famílias de lavradores, pais e filhos, com idade de até 50 anos; b) solteiros com idade entre 18 e 50 anos; c) operários, serventes, etc., que atendessem às exigências

da lei.". O governo se comprometia a pagar às companhias transportadoras 120 francos por imigrante adulto assentado. Os colonos recebiam terra com moradia, devendo pagar 25 mil réis por hectare, se a terra não estivesse cultivada, ou 50 mil réis, se ela se encontrasse em certo estado de cultivo, valores que deveriam pagar com juros de 9% ao ano, em dez anos (CHELMICKI, p. 131-132).

O historiador Jerzy Mazurek estima que no período conhecido como a primeira "febre brasileira" (1890-1892), apesar dos obstáculos impostos pelas autoridades russas, viajaram para o além-mar 60 mil camponeses da Polônia (MAZUREK, 2016, p. 66). Esse fenômeno foi responsável pela grande presença de poloneses nos estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Um diferencial entre a emigração para o Brasil e para os Estados Unidos da América, como aponta a antropóloga Giralda Seyferth (2005, p. 22), é que no último país a imigração aconteceu principalmente para áreas urbanas, com uma quantidade grande de solteiros, enquanto a imigração brasileira prezava pelo assentamento familiar nas colônias. Isso delimitou um perfil de imigrantes poloneses diferenciado no Brasil, perceptível nas cartas, como iremos perceber mais adiante.

Segundo informações recolhidas a partir de 1920 pelo cônsul da Polônia para os estados do Sul do Brasil, Kazimierz Gluchowski, publicadas no livro *Os poloneses no Brasil: subsídios para o problema da colonização polonesa no Brasil*, o Paraná foi o maior receptor de poloneses. O Paraná teria recebido cerca de 100 mil poloneses, o Rio Grande do Sul, cerca de 60 mil e Santa Catarina, cerca de 18 mil (GLUCHOWSKI, 2005, p. 108). Um elemento a ser levado em conta nessa contabilização refere-se à nacionalidade registrada no ato da entrada no Brasil, pois registrava-se a nacionalidade que constava no passaporte emitido pelo Estado

do qual provinham, o Império russo, austríaco ou prussiano (MAZUREK, 2016, p. 66). Esse fato dificulta a localização dos poloneses nas estatísticas oficiais.

Em relação especificamente ao estado de Santa Catarina, o cônsul Gluchowski destaca que ali, com exceção da colônia Lucena, "os colonos vivem dispersos, formando grupos pequenos, atraídos principalmente pelas colônias do Paraná, do qual são vizinhos, e algumas vezes até identificando-se com elas" (GLUCHOWSKI, 2005, p. 100). O autor apresenta que, em 1920, 18.810 poloneses estavam espalhados na faixa litorânea, misturados a comunidades com grande presença de alemães pelos municípios de São Bento, Campo Alegre, São José, Blumenau, Brusque, Florianópolis e, mais ao sul, encontravam-se também em Orleães e Grão-Pará até Cocal e, na faixa atlântica, em Urussanga. Uma maior concentração de poloneses se encontrava em Rio Vermelho, Rio Natal, Massaranduba, Bateias, Avenquinha e na divisa com o Paraná, em São José dos Pinhais, totalizando 835 famílias, mais 180 famílias nas regiões de Antônio Cândido, Legru e Nova Galícia. Existiam também poloneses em localidades que então formalmente pertenciam ao território de Santa Catarina, mas que eram consideradas integrantes da colonização paranaense, como Três Barras, Rio Tigre e Canoinhas, onde moravam cerca de 350 famílias, segundo Gluchowski (2005, p. 100-101).

As cartas de poloneses enviadas do Brasil e suas funções

O livro *The Polish peasant in Europe and America*, publicado por Florian W. Znaniecki e William I. Thomas em cinco volumes, entre 1918 e 1920, foi o primeiro a se utilizar de documentos pessoais de imigrantes, tais como cartas e autobiografias na pesquisa social. Publicado em Chicago, é reconhecido pelos pesqui-

sadores como um clássico da Sociologia nos Estados Unidos da América. Segundo Giralda Seyferth (2005, p. 41), o objeto do livro era “[...] compreender a dinâmica da mudança social envolvendo a transferência de população de uma sociedade rural para uma sociedade urbana em um contexto migratório”. O interesse dos autores recaiu no estudo da adaptação individual de imigrantes a grupos mais abrangentes de pertencimento social que a família e a comunidade (SINATTI, 2008, p. 1).

Assim como as cartas escritas pelos imigrantes poloneses estudados por Znaniecki e Thomas, as cartas enviadas do Brasil também tinham a função, como veremos adiante, de “manifestar a solidariedade familiar a despeito da separação” (ZNANIECKI & THOMAS apud ASSIS, 1995, p. 85).

A historiadora Verónica Sierra Blas, ao tratar de correspondências entre emigrantes e os que ficaram, assim formula: “escribir una carta, se convierte ahora en una práctica cotidiana y consuetudinaria, en una obligación moral y social, e incluso en un verdadero ritual” (BLAS, 2006, p. 124-125). Todavia, como escreve Kula, muitas das cartas enviadas por imigrantes poloneses instalados no Brasil foram escritas por pessoas que não tinham costume algum de escrever. Muitos deles eram analfabetos (1977, p. 11). Ao observá-las traduzidas e editadas para a publicação na língua portuguesa, perdemos a possibilidade de perceber a dificuldade com que parte dos signatários escrevia. Kula, leitor das cartas no original, aponta que muitas vezes as cartas continham erros ortográficos e de pontuação, escritas fonéticas e, parte delas pareciam ditadas ou copiadas de manuais (KULA, 1977, p. 11). Também atenta que, em muitos casos, os remetentes eram muito otimistas e floream a realidade na tentativa de atestar aos destinatários de que tomaram a decisão certa. Também lembra que é altamente provável que justo as cartas otimistas tenham sido

apreendidas pelas autoridades. E acrescenta uma terceira observação: a de que muitos daqueles que não haviam sido bem-sucedidos nem tivessem escrito cartas (KULA, 1977, p. 13). A partir dessas advertências, portanto, não se deve tomar as cartas preservadas como espelhos da realidade. Longe disso, as informações contidas nas cartas, como formula Teresa Malatian (2011, p. 204), “[...] serão sempre versões individuais ou coletivamente construídas sobre determinados acontecimentos vividos pelo narrador ou dos quais se inteirou de diversas formas como conversas, leituras, relatos”.

Importante esclarecer as condições de produção, preservação e constituição do acervo de fontes em análise. Em relação às condições de preservação das cartas, ela foi produto de uma ação deliberada. Se um “vestígio do passado raramente é o resultado de uma operação consciente” (ROUSSO, 1996 p. 87), cabe destacar que as cartas objeto deste artigo foram preservadas exatamente devido a uma atitude deliberada de censura das autoridades russas, que após as três partilhas do território polonês, em 1772, 1793 e 1795, dominavam parte do território de onde esses migrantes provinham. A Rússia dominava 62% do território polonês e 45% da população, enquanto a Prússia, 20% do território e 23% da população e a Áustria, 18% do território e 32% da população (MAZUREK, 2016, p. 35). Segundo o historiador polonês Marcin Kula, que escreve a introdução à publicação da tradução das cartas, as autoridades russas visavam travar a comunicação entre os familiares e amigos dos emigrantes e, assim, frear o processo de emigração em massa (KULA, 1977, p. 11).

De fato, observa-se que 45 das 60 cartas enviadas do Brasil, publicadas nos *Anais*, são chamadas para que os destinatários também deixassem a Polônia e se unissem aos remetentes. Por isso, muitas delas são informações e instruções sobre como proceder para atra-

vessar a fronteira, como chegar até o porto de Bremen, com quem falar, o que comprar e trazer, como se dirigir, a partir do Rio de Janeiro, até o local onde os remetentes estavam instalados no Brasil, possibilidades de trabalho e de aquisição de propriedades. Giralda Seyferth, que acessou o mesmo conjunto documental, observou que grande parte dos destinatários eram as esposas dos remetentes, e as demais, em geral, pais e irmãos, o que aponta a emigração inicial de homens adultos, e que além das relações familiares, o principal assunto das cartas era “[...] a dificuldade de obter recursos suficientes para trazer os que ficaram na Polônia” (SEYFERTH, 2005, p. 23).

Como se trata de cartas escritas logo após a chegada, os conteúdos se referem normalmente à viagem, descrição das propriedades, da natureza e do clima, ao trabalho que desempenham na construção de estradas e nas propriedades. Recorrentemente falam sobre o valor dos artigos de necessidade básica, sobre as dificuldades enfrentadas, sobre a distância das cidades e das igrejas, sobre falecimento de familiares. Em algumas, pode-se perceber descontentamento devido à ausência de pais que falassem polônês e à dificuldade de comunicação no lugar de assentamento, quando situados em locais onde a presença polonesa era minoritária.

Não estou “submisso a nenhum senhor”

As 12 cartas selecionadas, enviadas entre fins de 1890 e início de 1891 de Santa Catarina, foram escritas nos municípios de Florianópolis, Brusque – incluindo a localidade de Nova Trento – e Blumenau – “colônia Warnow” ou “grande Warnow”, hoje município de Indaial; “Rio Ada” e “Rio Joana”/“Dona Johana”, hoje município de Rio dos Cedros – e “Rio Carolina”, hoje município de Gaspar.

A menção aos poloneses na historiografia sobre Blumenau ou até mesmo o Vale do Itajaí é bem pequena e praticamente não aparente no caso de Florianópolis. Das três localidades de emissão das cartas mencionadas acima, destaca-se os trabalhos de Goulart (1984; 1988) sobre as Colônias Itajahy e Príncipe Dom Pedro e de Barreto (1979) sobre o Alto Vale do rio Tijucas (hoje Nova Trento). Em relação a então Colônia Itajahy (Brusque), em 1869, instalaram-se poloneses nas margens do Itajahy-Mirim, mas em razão das difíceis condições climáticas, das terras inadequadas para a agricultura e dos conflitos com os vizinhos alemães, promoveu-se na sequência a transmigração para Curitiba (GOULART, 1988, p. 307-310). Por volta de 1889, outra leva de imigrantes poloneses foi para ali dirigida. A historiadora Maria Sobierajski Barreto realiza uma análise detalhada da imigração de poloneses no Alto Vale do rio Tijucas (hoje município de Nova Trento), onde conviveram principalmente com imigrantes italianos. A autora ressalta que em Santa Catarina, muitas das vezes, os poloneses foram instalados às margens das colônias alemãs e italianas, como no caso de Blumenau e Nova Trento (BARRETO, 1979, p. 41).

Sobre os poloneses instalados em Blumenau, no livro comemorativo do centenário do município, informa-se que foram as localidades Estrada das Areias (hoje em Indaial-SC) e Massaranduba que teriam recebido poloneses nos anos de 1890 e 1891, quando se intensificou a imigração de poloneses e russos no Sul do Brasil.⁴ As cartas acima mencionadas mostram que se instalaram poloneses também em outros lugares de Blumenau, áreas rurais

⁴ Na edição comemorativa ao centenário do município, afirma-se que nesses anos teria iniciado essa imigração, o que não confere. Houve a entrada de 128 poloneses em 1885, oito pessoas em 1878 e 1880, mas o maior volume foi mesmo em 1890 e 1891 (1021 e 612 pessoas), segundo quadro estatístico presente em Deeke (1995, p. 204-206) e no Centenário de Blumenau (1950, p. 131).

afastadas do centro urbano, quando parte das terras já haviam sido distribuídas para uma maioria de imigrantes de nacionalidades alemã e italiana.

Passemos à análise das cartas. Restringiremo-nos aqui às percepções acerca das populações encontradas no processo migratório e de ocupação. Constatamos que em boa parte das cartas enviadas do Brasil, por terem sido escritas pouco depois da emigração, muitos dos remetentes se referem à viagem, à chegada e dão dicas e fazem pedidos aos parentes que querem vir ao seu encontro.

Na carta de Josefa e Antonio Lewinski, instalados na Estrada das Areias, então Blumenau (hoje Indaial-SC), escrita ao cunhado no dia 22 de março de 1891, percebe-se que eles se viam como parte de um grande fluxo migratório para o Brasil:

[...] Chegamos ao Brasil na cidade do Rio de Janeiro. Lá encontramos emigrantes. Eram uns 10.000 de várias nacionalidades. Imediatamente nos perguntaram para onde e em que direção alguém desejava ir. Nós nos inscrevemos para a província de Santa Catarina, distrito de Blumenau. De lá seguimos para as propriedades que eram de 155 morgas. Eram nas matas, e que matas! Imaginem que terra, que dá frutos até duas vezes por ano [...]. (Carta n. 50 in Cartas dos emigrantes do Brasil, 1977, p. 69).

Depois de escrever sobre clima, o que se planta e se cria, o custo de alimentos, a não necessidade de se pagar imposto sobre a produção agrícola, o remetente informa que escrevia aquela primeira carta só depois de receber a escritura da “propriedade que me foi escriturada para a vida inteira”. Em seguida, dá informações sobre o recebimento das propriedades e a construção da casa pelo governo, o trabalho na terra, os salários, ficando assim claro que busca despertar o interesse dos familiares para também emigrarem. O remetente se dispõe a interceder junto às autoridades para conseguir passagem para toda a família.

Na carta, ainda informam que moravam entre poloneses que estavam na localidade há 17 anos.

Na carta de Mariana e Casemiro Kurkow, instalados na colônia Warnow, em Blumenau (hoje Indaial-SC), escrita em 28 de dezembro de 1890, podemos perceber como este casal, que havia chegado quase dois meses antes na localidade, escreve sobre os imigrantes há duas décadas ali instalados e também sobre os indígenas – a despeito de terem apenas ouvido falar desses últimos:

[...] Aqui não temos rei, mas República. Os antigos moradores eram selvagens e, até o presente, bandos deles perambulam aos quais tememos, porque se atacarem e se por acaso seu número for maior do que o nosso, exterminar-nos-iam como ratos. O povo daqui são estrangeiros que chegaram não antes que vinte anos atrás. Antigamente aqui era um grande deserto, com montanhas cobertas de matas que agora temos que transformar em terra de cultura. Peço-vos que não esqueçam trazer consigo quadros de santos, podem ser sem moldura, escapulários e abecedários poloneses porque estes não se conseguem aqui. (Carta n.º 47 in Cartas dos emigrantes do Brasil, 1977, p. 64- 66).

Aqui, como na maioria das cartas, utiliza-se do recurso da comparação com a pátria para se representar o Brasil. O casal se refere à diferença de regime político entre o Brasil – a “República” recém-proclamada –, e a monarquia. E, ainda, nota-se que essa e outras cartas são fontes valiosas para se analisar como esses imigrantes percebiam a presença dos indígenas. Na frase em que os *Xokleng* são representados como “antigos moradores” e “selvagens”, cujos remanescentes seriam capazes de exterminar os colonos como “ratos”, se estivessem em maior número, apreende-se como o projeto de colonização se processava em meio a sonhos, mas também em meio a inseguranças e medos em relação ao “Outro”, tido como potencial “exterminador”.

Como apontou a historiadora Sandra Pesavento, “representações são personificações de uma ausência, onde representante e representado guardam entre si relações de aproximação e distanciamento” (PESAVENTO, 2006, p. 49). Portanto, mesmo que esse imigrante nunca tenha encontrado indígenas anteriormente, as representações negativas a seu respeito, compartilhadas por colonos já estabelecidos – na região predominavam os de língua alemã – provocavam temor ao ponto de transmiti-lo aos conterrâneos. No trecho citado, contudo, está implícita a ideia de que avolumar-se a quantidade de colonos, com a e/imigração, protegeria os recém-estabelecidos frente ao perigo representado pelos indígenas. Colonizar, por meio da posse de propriedades particulares e da fixação na terra, significava disputar território com aqueles cujo modo de vida é tido como um contraponto – note-se que os indígenas aparecem como “bandos” que “perambulavam” pela região.

O grupo indígena predominante no Vale do Itajaí era o dos *Xokleng*. Segundo o historiador Manoel de Carvalho Santos, o governo de Santa Catarina entendia que a introdução de colonos no território seria suficiente para afugentar os primeiros habitantes da região, desconsiderando seu pertencimento. Todavia, os conflitos entre esses grupos eram constantes e violentos (SANTOS, 2011, p. 105).

Curiosamente são mencionados na carta como “povo daqui” os “estrangeiros” que haviam chegado antes dos poloneses. Em que pese essa diferença entre eles, o remetente se identifica com eles ao ver a sua frente a mesma tarefa de transformar as matas “em terra de cultura”. É o mesmo sentido dado à colonização, compartilhado com os outros europeus que se instalaram na região.

Todavia, há a percepção da diferença cultural e de que são minoria, o que motiva o remetente a pedir que os destinatários, ao virem

a seu encontro, trouxessem “consigo quadros de santos”, “escapulários e abecedários poloneses, porque estes não se conseguem aqui”. Tratava-se de artigos religiosos valorizados para o culto de sua fé, o que faz o casal destacar, noutra parte da carta, o fato de a igreja distar 5 milhas do local de sua residência. Aqui se percebe como a construção de identidades tanto individuais como coletivas necessita de reconhecimento de símbolos (WOODWARD, 2000, p. 14). Entre os imigrantes poloneses, o sentimento de pertencimento nacional – a polonidade, segundo Ruy Wachowicz –, era muito ligado ao catolicismo e, conseqüentemente, a seus símbolos. Isso havia se intensificado durante o período das dominações imperiais russa, austríaca e prussiana no território polonês, visto que a participação comunal ou social nas instituições, por parte dos poloneses, lhes era negada, sendo a paróquia a única instituição que os aceitava e os representava (WACHOWICZ, 1981, p. 61). Por isso, a valorização de artigos religiosos entre os imigrantes poloneses no Brasil. Barreto também aponta isso em relação aos imigrantes poloneses estabelecidos em Santa Catarina:

Tão logo estabelecido na nova terra, após demarcado o lote e construída a habitação, via de regra, preocupou-se o colono polonês com a instrução dos filhos, com atendimento religioso e com a preservação da cultura polonesa, ameaçada na terra de origem. (BARRETO, 1979, p. 61).

Durante muito tempo, será a igreja o espaço de sociabilidades e reunião dos colonos. Os remetentes em certa parte da carta advertem os destinatários em relação às expectativas que poderiam ter em relação às sociabilidades: “Não esperem a mesma alegria existente na Polônia que encontrareis nas colônias”. A carta é escrita na expectativa de que a mãe e parte dos irmãos viessem a seu encontro e, por isso, a carta traz muitas instruções do

que providenciar e trazer, cuidados a tomar, como eram as condições de vida e trabalho na região. À carta se junta um bilhete para servir de guia ao irmão quando chegasse ao Rio de Janeiro para poder ir até o seu local de residência. O casal ainda estava instalado num barracão com 40 famílias, alternava duas semanas na construção de estradas com duas semanas de trabalho em sua “colônia” de “60 morgas polonesas”. Eles e outros poloneses recém-chegados, como atestam outras cartas, eram empregados na construção das estradas, para o que recebiam, segundo ele, “5 zlotes diários”, uma possibilidade de ganho já que ainda não tinham como sobreviver com as colheitas.

A dificuldade de comunicação com o padre é um dos elementos que aparece na carta do imigrante Caetano Nowak, estabelecido na localidade de Rio Carolina, então Blumenau (hoje Gaspar – SC) para a família, escrita em 25 de janeiro de 1891:

[...] A língua é a portuguesa e quando nos falamos não entendemos nada e quando nós lhes falamos eles também não entendem nada. O padre é português e reza a missa em latim, da mesma forma como na Polônia, mas não entendemos a sua língua, e ele não entende a nossa. A igreja dista 12 milhas. A capela, porém fica perto e o local onde são enterrados os mortos dista duas milhas. (Carta n. 56 in Cartas dos emigrantes do Brasil, 1977, p. 79).

Também aqui o remetente informa a distância até a igreja e a capela, uma evidência da importância dessas instituições da religiosidade católica para esses imigrantes, mas o fato deles não entenderem ainda o português e de o padre não saber polonês dificultava a socialização em torno da igreja. Na região, a presença de poloneses era muito menor em relação a outras nacionalidades.⁵ A dificulda-

de de comunicação, apontada pelo escrevente, mostra sua inserção num contexto em que ele se sente excluído do meio simbólico, social e cultural que remete à sua identidade (WOODWARD, 2000, p. 14). Em relação a esse aspecto, Ruy Wachowicz (1981, p. 97) também aponta para o desconforto sentido pelos imigrantes ao não se entenderem com os padres, porque não podiam se confessar e realizar os sacramentos. Também percebiam diferenças culturais na forma da celebração dos ritos e no seguimento da fé pelo povo brasileiro.

A carta de Caetano emprega tanto a primeira pessoa do singular como do plural para descrever desde a viagem, durante a qual faleceu um filho menor, até a situação difícil em que se encontravam, apesar do ganho de uma “colônia de 25 morgas de mato, árvores diversas – e que árvores”. Ele reclama do trabalho duro e se arrepende de não ter trazido sementes consigo, comenta sobre o trabalho desempenhado na construção de estradas, sua ocupação esporádica como sapateiro, dá informações sobre parentes e conhecidos que também emigraram e faz planos em relação aos que ficaram.

Diferenças nacionais e dificuldades linguísticas não impediram a interação e casamentos interétnicos. É o que atesta carta de Casemiro Monatowski, enviada da localidade de Rio Ada, Blumenau (hoje Rio dos Cedros – SC) ao cunhado Antônio Bronski em 1890:

[...] A vida não é cara, embora a distância para apanhar os mantimentos seja grande, uma vez que a cidade fica distante. A mais próxima é Blumenau e dista 12 milhas. O difícil aqui é o primeiro ano, época em que a gente consegue o seu próprio mantimento. Depois tudo será diferente e aqui para o trabalhador não é difícil. [...] Ainda quero comunicar-vos que a irmã casou com um viúvo italiano e está bem agora, porque o mesmo é um colono velho e tem de tudo. (Carta 53 in Cartas dos emigrantes do Brasil, 1977, p. 74).

⁵ Entre 1850 e 1897, teriam entrado 19.487 imigrantes em Blumenau, dos quais 1.796 tinham nacionalidade polonesa (DEEKE, 1995, p. 206).

A região de Rio dos Cedros havia sido ocupada a partir de 1875 por trentinos, tirolezes e italianos do Vêneto e da Lombardia. A localidade de rio Ada, assim como outras áreas ainda mais ao interior, fora ocupada mais tarde (FERREIRA; KOEPEL, 1995, p. 113). Os poloneses também ali inseridos, portanto, conviveram com outros imigrantes católicos. Isso e o fato de os poloneses serem minoria naquele contexto sociocultural pode ter facilitado a miscigenação étnica. A interação, no caso da família remetente da carta, foi rápida, visto que o casamento da irmã com um viúvo italiano da localidade deu-se no mesmo ano da imigração dela. O fato de o cunhado “ter de tudo”, a despeito de ser um “viúvo italiano” e um “colono velho”, é valorizado pelo fato de a irmã “estar bem agora”, ou seja, ter superado as dificuldades econômicas. Essa informação, inserida linhas depois de o remetente mencionar as condições de vida e trabalho na localidade, evidencia a preocupação do imigrante com trabalho, propriedade e segurança econômica.

Kula ressalta que embora o imigrante polonês tivesse consciência da dificuldade do trabalho a ser executado no Brasil, era possível vislumbrar sustento e sucesso, algo que não esperavam no lugar que haviam deixado para trás (KULA, 1977, p. 13).

A carta acima, embora redigida em nome de Casemiro, emprega quase sempre a primeira pessoa do plural, já que escreve também como esposo e pai. O vínculo familiar com o destinatário é expresso de forma carinhosa no início da carta: “Amadíssimo e queridíssimo cunhado, Antonio Bronzek. Respeitosamente desejo-te saúde e toda sorte de bem. Cumprimento-vos com esposa e crianças, como cunhado amoroso e como vossa irmã [sic]”. A carta descreve a viagem até a chegada ao destino, o recebimento de ferramentas, o trabalho na abertura da estrada e o valor do pagamen-

to, o recebimento da propriedade, a qualidade da terra e o seu cultivo, e encoraja a vinda de quem tivesse interesse. Ele assim se representa, portanto, já como um emigrante bem-estabelecido em propriedade própria.

Em diversas cartas enviadas à Polônia do Brasil, ressalta-se a liberdade, a não existência da escravidão, em comparação às relações de subordinação existentes entre camponeses e senhores de terras no território polonês. É o caso da carta de Estanislau Sabelski, escrita aos pais em Brusque no dia 15 de março de 1891. Depois de informar ter trabalhado quatro meses na construção de estradas, o valor das diárias e o recebimento de 120 “morgas de terra”, cobertas de mato, assim como o clima, o imigrante assim escreve:

[...] Querido pai, não existe nenhuma escravidão. Cada pessoa é livre. O calor é permanente, querido pai. Estou com saudades de vocês. Se quereis, podeis vir para cá. Querido pai, toda família poderá viver bem na minha propriedade. Aqui cresce o arroz, o milho, a cevada, o trigo e o centeio são vigorosos, bem como toda sorte de verduras: cenoura, beterraba, nabo, salsinha, cebola, numa palavra tudo. Em nossa região ainda não há trigo vigoroso, nem centeio, nem batatinha europeia. Crescem limoeiros, laranjeiras e café. Mas tudo tem que ser plantado. Cresce cana-de-açúcar, de que se fabrica a cachaça, vinagre e açúcar. As igrejas são poucas. Se alguém deseja fazer confissão, depende quatro dias de ida e volta. A capela achase distante quatro léguas. Há muitas capelas. Os ganhos parecem bons, mas a vida é cara. Se a família for grande, não se consegue manter, porque o custo de vida é alto. (Carta nº 60 in Cartas dos emigrantes do Brasil, 1977, p. 84).

Na introdução à publicação das cartas, Kula (1977, p. 14) escreve que, quando o imigrante escrevia frases como “cada pessoa é livre”, falava ao coração do aldeão. Mesmo a servidão tendo sido abolida na Polônia há mais de um quarto de século, o fato de não se estar submisso a nenhum senhor justifi-

cava a exaltação desse aspecto. A frase também visava desacreditar os rumores contados na Europa sobre o Brasil de que o emigrante estaria indo ao encontro da escravidão, lembrando que no momento da escrita dessa carta a abolição havia ocorrido recentemente. Apesar da menção à liberdade, o remetente considera a vida cara em Brusque: “Se a família for grande, não se consegue manter, porque o custo de vida é alto”. Nesse aspecto, ele afirma o contrário do autor da carta 53, estabelecido no interior de Rio dos Cedros, para quem a vida lá não era cara. Também aqui há a menção à distância da capela.

Como ainda se percebe no trecho acima, o sonho do camponês polonês era a propriedade de terra, mas a concessão não era a solução de todos os problemas do imigrante, e sim o início do duro trabalho de construção de vias de comunicação e remoção das matas, que, como as cartas demonstram, muito impressionavam os poloneses recém-chegados.

A valorização da liberdade também é mencionada por Estanislau Wisniewski, em sua carta aos pais escrita em Nova Trento, em 15 de março de 1891. Isso e o fato de ter recebido 150 “morgas” de terra, todavia, não o deixava satisfeito devido ao contexto social e ao ambiente natural no qual foi inserido, representado de forma bastante hostil na carta:

[...] Estou muito melhor do que na Polônia, somente pelo fato de não estar submetido a nenhum senhor. Ganhei 150 morgas de terra, mas isto não me alegra, porque empurraram-nos para meio de gente estranha, selvagem e onde há muitos insetos. Há bichos que, nem a gente sabe, penetram no corpo e corroem a gente em vida. Essa gente selvagem possui espingarda que consegue matar uma pessoa a 300 passos, sem o mínimo de barulho, por isso temos que estar alertas e possuir ao lado uma arma dia e noite, ou um revólver à cinta de cano duplo, um fuzil ou uma faca e por esta razão vivo sempre com medo. (Carta nº 75 in *Cartas dos emigrantes do Brasil*, 1977, p. 109).

Ao usar verbo na forma passiva – “empurraram-nos para meio de gente estranha, selvagem e onde há muitos insetos” –, esse imigrante narra de modo a criticar as autoridades responsáveis pelo assentamento dele e dos demais colonos. Não fica claro no texto a que “gente selvagem” o remetente se refere, tratava-se de pessoas com armas de fogo. A carta evidencia que conflitos e violência faziam parte do cotidiano daquela zona de colonização. Segundo Barreto, autora de dissertação sobre os poloneses e descendentes estabelecidos na localidade descrita pelo remetente, a movimentação de indígenas na área fazia com que os “excursionistas” percorressem “a distância de Nova Trento a Pinheiral armados com pistolas, revólveres e facões como precaução contra possíveis encontros com os indígenas” (Barreto, 1979, p. 57). A posse e utilização de armas fez parte desse processo de recente ocupação naquelas terras destinadas à colonização.

Percebe-se que a menção à “gente selvagem” é articulada na narrativa do trecho a uma frase na qual se refere aos “bichos” no novo ambiente, outro elemento visto como ameaça aos corpos desses imigrantes. Como Santos (2011) aponta, havia diferentes formas de percepção da natureza entre os imigrantes em Santa Catarina; enquanto uns a admiravam e se aproveitavam dela, outros a temiam e colocavam nela a causa de suas dificuldades.

Nessas cartas, percebem-se não descrições objetivas, mas narrações pessoais articuladas às “circunstâncias exteriores ao sujeito-autor”, provocadas pelo deslocamento para o Brasil. E, ainda segundo Todorov, o “deslocamento no espaço é o indício primeiro, o mais óbvio, da mudança; ora, quem diz vida, diz mudança” (TODOROV, 2006, p. 231; 240). Trata-se não apenas de um deslocamento entre espaços, portanto. A frase escrita por Estanislau em primeira pessoa – “não estou submetido a nenhum senhor” – que conecta

o eu com as novas circunstâncias exteriores a si, não acentua apenas uma nova condição social – agora desamarrada dos resquícios das relações de servidão na Polônia –, mas uma diferença que ele quer estabelecer com os que ficaram, os receptores da carta.

Considerações finais

Neste artigo, trouxemos alguns indícios sobre o encontro – real ou imaginado – entre imigrantes poloneses e populações presentes nos então municípios de Blumenau e Brusque, estado de Santa Catarina. Se por um lado os signatários das cartas se veem como parte do mesmo processo de ocupação e colonização da região, vivenciado por outros imigrantes/colonos, por outro convivem com diferenças linguísticas, culturais e religiosas em reação aos já estabelecidos. Com a imigração, inserem-se num sistema de colonização baseado no trabalho na terra, na transformação da natureza em espaço produtivo, com a expectativa de aquisição de uma propriedade e reprodução de suas vidas em melhores condições. Em muitos casos, a distância das colônias – como se definiam as pequenas propriedades rurais –, a distribuição dos imigrantes poloneses no espaço e a sua configuração étnica e linguística dificultavam a comunicação e as sociabilidades. O fato de a maioria das cartas apresentar instruções para trazer parentes demonstra o anseio de, com a sua presença, recriar um ambiente culturalmente mais “familiar” no local de imigração. Os indígenas – com os quais os remetentes das cartas aqui em análise não tiveram contato – e a “gente selvagem” que vivia nas franjas dessas propriedades são tidos como ameaças aos remetentes.

As narrativas das cartas demonstram sujeitos marcados pela experiência do deslocamento e da colonização em Santa Catarina e mobilizados pelas dificuldades impostas pelas

novas condições de vida, trabalho e sociabilidades. Muito embora eles tenham atravessado o Atlântico e se inserido num novo contexto sociocultural, viviam num mesmo “sistema mundo europeu/euro-norte-americano moderno/capitalista/colonial/patriarcal”, no qual se reproduziam padrões hierárquicos globais já existentes (BALLESTRIN, 2013, p. 103), que valorizava projetos de colonização europeia nas Américas, entendidos como projetos “civilizatórios”. Por meio dessa lente, vão representar o espaço e se constituir enquanto emigrantes/colonos para os destinatários e tentar envolvê-los numa rede de informações visando manter os laços familiares, embora à distância, e/ou reproduzir o fenômeno migratório ao chamarem os parentes e amigos.

Referências

- ASSIS, Gláucia de Oliveira. **Estar aqui, estar lá:** uma cartografia da vida entre dois lugares. 1995, 231p. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1995.
- BARRETO, Maria Theresinha Sobierajski. **Os Poloneses do Alto Vale do Rio Tijucas:** um estudo de história demográfica. 1979. 263 p. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1979.
- BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. **Revista Brasileira de Ciência Política**, Brasília, Universidade de Brasília, n. 11, p. 89-117, mai./ago.2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcpol/a/DxkN3kQ3XdYYPbwwXH55jhv/?format=pdf>. Acesso em: 1º ago. 2022.
- BERNECKER, Walther L. Die transatlantische Massenmigration von Europa nach Lateinamerika: Phasen und Erscheinungsformen. In: FISCHER, Thomas; GOSEL, Daniel (Hg.) **Migration in internationaler Perspektive**. München: Allitera Verlag, 2009. p. 36-60.

- BLAS, Veronica. "Puentes de papel": apuntes sobre las escrituras de la emigración. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, v. 10, n. 22, p. 121-147, jul./dez. 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ha/a/4kt-jxxx4xDVmNqmCNsPFknc/>. Acesso em: 1º ago. 2022.
- CHELMICKI, Zymunt. **Imigrantes Poloneses no Brasil de 1891**. Tradução de Sofia Winklewski Dyminski. Brasília: Senado Federal, 2010.
- COMISSÃO DOS FESTEJOS. **Centenário de Blumenau: 1850 - 2 de setembro - 1950**. Blumenau: Edição da Comissão de Festejos, 1950.
- DEEKE, José. **O município de Blumenau e a história de seu desenvolvimento**. Blumenau: Nova Letra, 1995.
- DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri. Narrativas de imigrantes do passado e do presente: questões para pesquisa. *Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica*, Salvador, Associação Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica, v. 3, n. 7, p. 45-66, jan./abr. 2018. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/4475>. Acesso em: 1º ago. 2022.
- FERREIRA, Cristina; KOEPEL, Daniel Fabrício. **Representações da cidade**: discussões sobre a história de Timbó. Blumenau: Edifurb/Fundação Cultural de Timbó, 2008.
- GLUCHOWSKI, Kazimierz. **Os poloneses no Brasil**: subsídios para o problema da colonização polonesa no Brasil. Tradução de Mariano Kawka. Porto Alegre: Rodycz & Ordakowski Editores, 2005.
- GOMES, Angela de Castro (Org.) **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.
- GOULART, Maria do Carmo Ramos Krieger. **A Imigração polonesa nas Colônias Itajahy e Príncipe Dom Pedro**. Blumenau: Fundação Casa Dr. Blumenau, 1984.
- GOULART, Maria do Carmo Ramos Krieger. Imigração Polonesa: homens que atuaram na sua história. **Blumenau em Cadernos**, Blumenau, Fundação Cultural de Blumenau, Tomo 29, n. 10, p. 307-311, out. 1988.
- KULA, Marcin. Cartas dos emigrantes do Brasil. In: KULA, Marcin; WACHOWICZ, Ruy (org.) **Anais da Comunidade Brasileiro-Polonesa**: Cartas dos Emigrantes do Brasil. Curitiba, Superintendência do Centenário da Imigração Polonesa ao Paraná, v. 8, p. 9-16, 1977. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/biblioes-tudosetnicos/wp-content/uploads/2015/08/Anais-da-Comunidade-Brasileiro-Polonesa-Vol-VIII.pdf>. Acesso em: 2 ago. 2022.
- MALATIAN, Teresa. Cartas: Narrador, registro, arquivo. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de (orgs.). **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2011. p. 195-221.
- MAZUREK, Jerzy. **A Polônia e seus Emigrados na América Latina (até 1939)**. Goiânia, Editora Espaço Acadêmico, 2016.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cultura e Representações, uma trajetória. **Anos 90**, Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, v. 13, n. 23/24, p. 45-58, 2006. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/anos90/article/view/6395/3837>. Acesso em: 1º ago. 2022.
- ROUSSO, Henry. O arquivo ou o indício de uma falta. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, v. 9, n. 17, p. 85-92, 1996. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2019>. Acesso em: 1º ago. 2022.
- SANTOS, Manoel Pereira Rego Teixeira dos. **O Imigrante e a Floresta**: Transformações ambientais, das práticas e da produção rural nas colônias do Vale do Itajaí – SC. 2011, 259 p. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.
- SEYFERTH, Giralda. Cartas e narrativas biográficas no estudo da imigração. In: DEMARTINI, Zélia de Brito Fabri; TRUZZI, Oswaldo (Org.) **Estudos migratórios**: perspectivas metodológicas. São Carlos: EdUFSCar, 2005. P. 13-51.
- SINATTI, Giulia. The Polish Peasant Revisited Thomas and Znaniecki's Classic in the Light of Contemporary Transnational Migration Theory. **Sociologica**, Bologna, Società editrice il Mulino, v. 2, p. 1-22, 2008. DOI:10.2383/27725

TODOROV, Tzvetan. A viagem e seu relato. **Revista de Letras**, São Paulo, Universidade Estadual Paulista, v. 46, n. 1, p. 231-244, jan./jun. 2006. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/letras/article/view/50>. Acesso em: 1 ago. 2022.

TRINDADE, Rhuan Targino Zaleski. **Um “imperialismo polonês”**: narrativas brasileiras das relações da Polônia com os imigrantes poloneses no período Entreguerras. 2020, 450 p. Tese (Doutorado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Paraná, 2020.

VENDRAME, Maira Inês. Micro-história e história da imigração: pensando o problema do equilíbrio e da complexidade. **Tempo e Argumento**, Florianópolis, Universidade Estadual do Estado de Santa Catarina, v. 10, n. 25, p. 267-288, jul./set. 2018. Disponível em:

<https://www.revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/2175180310252018267>. Acesso em: 1 ago. 2022.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). **Identidade e Diferença**: A perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis-RJ, Vozes, 2000. p. 7-72.

WACHOWICZ, Ruy Christovam. **O Camponês Polonês no Brasil**. Curitiba: Fundação Cultural/Casa Romário Martins, 1981.

Recebido em: 30/08/2022

Revisado em: 20/11/2022

Aprovado em: 26/11/2022

Publicado em: 15/12/2022

Méri Frotscher é doutora em História pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professora associada da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste). Atualmente encontra-se em disposição funcional para o Departamento de História da Universidade do Centro-Oeste (Unicentro). Líder do Grupo de Pesquisa: História, Cultura e Sociedade. *E-mail*: merikramer@hotmail.com

Geovana Carolina de Lima é graduada em Artes Visuais pela Universidade Norte do Paraná (Unopar). Graduanda do curso de História da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UENP). *Email*: ge_nacarolina@hotmail.com